

**Corpo geográfico:
Reflexões sobre comunicação do corpo e dança afro peruana**

***Cuerpo geográfico:
Reflexiones acerca de la comunicación del cuerpo y la danza afro peruana***

Joana FERNANDEZ¹

Resumo

Este trabalho tece um diálogo entre comunicação, corpo, geografia e dança. O problema de pesquisa, neste estudo, perpassa por conceitos que giram em torno das interferências do espaço no corpo cotidiano e da dança afro peruana, *el festejo*. Assim, os estudos em comunicação conversam com os *estudios culturales* estendendo-se à perspectiva teórico-metodológica, a qual encaminha para a observação, a descrição e a discussão. Os resultados corroboram o entrelace de poética e reflexão vinculadas à transitoriedade do corpo por meio do ambiente, ao ponderar alguns aspectos identitários e socioculturais.

Palavras-chave: Comunicação. Corpo. Geografia. Dança Afro Peruana-*El Festejo*.

Resumen

El propósito del presente trabajo es entrelazar un dialogo entre la comunicación, el cuerpo, la geografía y la danza. El problema de la investigación gira por conceptos relacionados al espacio, como interventor del cuerpo cotidiano y en la danza afroperuana, *el festejo*. Para ello, los estudios en comunicación platican con los *estudios culturales* hasta la perspectiva teórica-metodológica, la cual se orienta a la observación, descripción y a la discusión. Resultando de tales, la poética y la reflexión que se encuentran vinculada a la transitoriedad del cuerpo, por intermedio del ambiente. Al tener en cuenta algunos aspectos de la identidad y de la socio cultura.

Palabras-clave: Comunicación. Cuerpo. Geografia. Danza Afro Peruana-*El Festejo*.

Introdução

O tema deste artigo tece reflexões sobre comunicação, corpo e dança sob interferência do espaço em caráter mais preciso, a escrita foca o exercício de pensar a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Sorocaba-Uniso, Sorocaba-SP. E-mail: joana.fernandez@terra.com.br.

comunicação do corpo imbricada com a geografia física/social e a arte da dança folclórica. E, o objeto reflexivo esta no espaço como local de origem e transitoriedades do corpo. Isso observa-se, como consequência das raízes genéticas da pesquisadora e, no corpo que habita o Estado de Ica –Peru, local onde há a maior concentração de negros nesse país e, perceber como são os movimentos de trabalho deste habitante que contagia a dança local. Portanto, foi escolhido *el festejo*, dança afro peruana que nasce no período que os negros foram escravizados no Peru.

A necessidade de estudar a cultura do Peru, e de forma mais específica à região de Ica, provêm do ritmo alegre e contagiante *del festejo*, pelas origens do avô materno que cantava e dançava musica afro peruana, com a bisavô nascida em Ica e, por ser a dança mais vivenciada pela pesquisadora tanto em apresentações, oficinas e aulas ministradas desse ritmo em Sorocaba, Campinas-Brasil e em Lima-Peru. Com esses, incentivos carregados nos genes e suas experiências pesquisou-se o trabalho escravo desses habitantes, a geografia imposta aos negros africanos e, onde nasceu a fuga à escravidão, *el festejo*, dançado ao compasso marcante da percussão.

Este exercício do pensar encaminha para a comunicabilidade do corpo e a espacialidade onde esta inserido. Para tanto, refletir no lugar em que se vive e, onde se assimilou as maiores contaminações corporais, envolve uma costura de pensamentos meditativos, reconhecimento da movimentação cotidiana e, a dança da própria investigadora. Como as lembranças guardadas que permeiam: a gastronomia, o idioma, a educação, a dança e a música peruana passada pelos pais dessa nacionalidade. Nota-se a possibilidade de comunicação do espaço que converte esse diálogo em movimento corporal, tornando um dos tantos incentivos proposto nesta composição.

Movida pelo enraizamento da cultura peruana que está presente intensamente no corpo da investigadora e, por observações de amigos e professores de dança ao prestar atenção na maneira de andar da pesquisadora e na movimentação no momento de uma improvisação dançante (movimentação frequente no nível médio ou com inclinação do tronco voltado para a terra) direciona a pensar o que leva a essa movimentação determinada por algum código. O quanto a visão que cada pessoa obtêm de si mesma e o que retratamos aos olhos dos demais por imagens corporificadas, podem simbolizar resíduos de referências que estão impregnadas no corpo (BAITELLO, 2001). Assim, apresenta-se a seguintes interrogações: por que o corpo da pesquisadora comunica-se

por movimentos que tem uma relação intensa com a terra, tendendo para o chão no cotidiano e ao improvisar na dança, será pela espacialidade? Pela terra em que se pisa e percorre? Qual a origem desse percurso?

De tal modo, a pergunta norteadora a cima para este texto que entrelaça questionamentos sobre o comunicar do corpo que por si só gera uma complexidade ao visualizar percursos² e trajetórias dessa carne viva. Perpassa por alguns fatores particulares do espaço físico que interferem no morador de Ica, e nos movimentos de dança em junção com aspectos identitários e socioculturais.

Comunicabilidade do corpo e espaço

"Quando dois corpos se encontram, ocorre uma troca de informações..." - a frase citada por Norval Junior Baitello, entrelaça com a proposição de pensar o corpo e o espaço no qual há troca de informações a todo instante, com inúmeros corpos, diversos ambientes e, essa troca faz parte da comunicação. Nessa troca que o corpo absorve e, mostra aos olhos dos demais corpos, as informações rejeitadas e, aceitas. Sem o corpo ou mídia primária (BAITELLO, 2014) em movimento não existe um espaço transformado, sem um espaço mutativo consequência do corpo vivo e das transformações da natureza física, não existe mudanças e comunicabilidade. Em hipótese se o mundo entrasse em colapso e, acabasse a energia, o corpo com a linguagem verbal e linguagem não verbal entrariam em cena como protagonistas da mídia e, como principal meio da comunicação humana. O corpo é essencial para os processos comunicativos e, para existência do espaço animado (SANTOS, 1997), são dependentes um do outro já que o espaço faz parte do corpo e, a própria corporeidade como parte da sua casa ou espacialidade. Esse movimento do corpo e espaço instiga e, determina qual corpo e espaço estudar, por existir vastos lugares e corpos. Criando confusão ao mesmo tempo pelo fato do corpo ser uma linguagem e produtor de inúmeras linguagens (BAITELLO, 2014).

² No percurso metodológico realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em busca de livros de comunicação, filosofia, geografia, história, dança e música do Peru, em específico do Estado de Ica, no interesse de justificar a pesquisa, como resultado e síntese brotou essa escrita. Foi recolhido material a respeito da dança afro-peruana, *el festejo*, como fotos e vídeos.

As expressões da mídia primária que de fato possui infinitas, ricas e, incontroláveis, possibilidades comunicativas em suas diversas linguagens que o homem por meio de cruzamentos de códigos, como a geografia por onde passa, a trajetória histórica, a cultura, fatores genéticos, a política e economia da sociedade onde permaneceu maior parte do tempo, entre outras informações que o corpo recebe e transforma em mídia (BAITELLO, 2001). Traça percursos corporais unidas a suas origens e, nota-se no corpo não alterado por cirurgias plásticas, anabolizantes e outros recursos que modificam de forma drástica o aspecto da carne (ORTEGA, 2007). Independente de mudanças radicais o trajeto percorrido pelo corpo tem reflexos no comportamento e atitudes do ser humano mesmo que somente alguns resquícios em certos casos. O espaço guarda lembranças e possui a probabilidade de ser decompostas em corpo, seja algo positivo ou negativo a ser lembrando, existe uma resposta corpórea, da terra ou ambiente como um todo em que é vivenciado por cada pessoa e infectado.

Dessa maneira, a comunicabilidade entre o corpo e o espaço confabula com o trecho a seguir: “A casa é o nosso canto no mundo. A casa é um dos maiores poderes que permitem interligar os pensamentos, lembranças, os sonhos e devaneios” (BACHELARD, 1974, p.358-359). Esse pequeno trecho do filósofo francês é um lampejo com relação à interferência do espaço no corpo e do corpo no espaço. O filósofo carrega em sua escrita um espaço poético, a casa como ninho, como o lugar onde os pensamentos, lembranças dançam pelas paredes. Em paralelo, pode-se pensar o corpo como casa e a morada como forte interferência do corpo, as informações intrínsecas a corporeidade induzem a outra frase do filósofo menos nebulosa com relação ao tema. “Casa-ninho enquanto possuidora do formato do corpo. A casa cola - se em nós, assumindo nossa forma” (BACHELARD, 1974, p.423).

Essa outra frase incitadora conduz a refletir, o quanto um só espaço (casa) forma o corpo, surgindo a suposição que a configuração do território e a geografia humana interferem em um grau considerável na comunicação corporal. Com isso, a casa como possuidora do formato do corpo (BACHELARD, 1974) leva a lembranças, falas e, olhares que observaram o modo de andar e dançar da investigadora, tornando-se um dos empurrões para esta costura do pensar e, remetendo ao processo de comunicação de cada indivíduo entrelaçado com lugares. E faz refletir no porque a corporalidade do ser humano manifesta-se com determinadas características.

Portanto, para refletir em alguns dos por quês, escolheu-se a geografia do Peru, o corpo cotidiano e a dança afro peruana, *el festejo*, com o intuito de observar a comunicação corporal em inserção nessa localidade. A fim de ter um respaldo para notar o porquê o corpo se comunica com tais características e como a geografia o contamina. Já que o corpo da investigadora e dos descendentes da etnia negra tem determinadas características na comunicabilidade corporal em junção com o espaço de origem e vivência da cultura afro peruana. Essas questões do espaço peruano visam uma pausa (observar) para uma ótica da geografia física (superfície, clima e altitude) de Ica que interfere na corporeidade do habitante desse local. Para melhor observação de áreas do conhecimento pouco conhecidas ao se tratar dos aspectos envolvidos na movimentação do corpo como mídia, imbricados com o estudo da espacialidade, fisicalidade e humanidade da geografia que instiga o estudo em comunicação mediante os cruzamentos desses códigos (BAITELLO, 2001) já pontuados.

Geografia e história de Ica-Peru

A geografia protagonista da reflexão, relacionada ao por que o corpo como mídia apresenta formas de representações, entrelaçada com um rastro de historicidade do local escolhido, o Estado de Ica situado no Peru, espaço rotulado como “país dos incas”. E que aqui, nesta escrita foge deste estigma e focaliza na observação nos negros africanos escravizados, que misturam seus genes com índios e espanhóis, o que propicia a origem do negro peruano.

Figura 1 – Mapa de Ica-Peru.



Fonte: <http://www.map-peru.com/es/mapas/ficha-departamento-de-ica-atlas-del-peru>.

Para tanto, elege-se o ano de 1563 data onde os fazendeiros espanhóis focaram na atividade agrícola e, exploratória para os negros, concomitante com a fundação de Ica localizada ao Sul da Capital do Peru-Lima. Esse Estado com vasta região litorânea abrange principalmente a região costeira, seu relevo é pouco acidentado constituído por deserto da fome, vales de tristezas, oásis da hipocrisia e do lucro centralizado nos donos das fazendas, que forma o rio Ica. Marcadas por duas estações bem definidas, verão e inverno, chuvas escassas normalmente inferiores a 15mm por ano, em ambas as estações e, leva a ausência de umidade atmosférica para os negros africanos que trabalharam exaustivamente nesses estados climáticos, esgotador ao extremo para o corpo negro. O ambiente semi desértico e temperado³ era propício para a plantação de uva⁴ e atrativo para os fazendeiros e comerciantes que visando o comercio do pisco,

³ As temperaturas máximas 32,3° em Ica e 27,4° em Pisco. Mínimas 9,8° em Ica e 12,6° em Pisco.

⁴ A plantação de cana-de-açúcar, algodão e outras atividades agrícolas foram realizadas por mão de obra escrava negra africana, negros nascidos no Peru de descendência africana e por negros miscigenados principalmente com índios peruanos. Para esta pesquisa selecionou-se a plantação de uva pelo local propício para essa atividade, para observar a interferência do espaço semi desértico semelhante a alguns lugares da África e pelo fortalecimento da cultura negra nesse período em que se produziu bastante pisco.

intensificaram a produção de vinhos⁵, aguardentes e, o conhecido *pisco* peruano que foi de grande importância no fortalecimento e união da cultura negra na região, pois a produção de *pisco* dependia especificamente da mão-de-obra negra. O *pisco* que alegrava as casas dos senhores fazendeiros, nem sequer passava pelo nariz dos negros escravos.

Vale ressaltar que a atmosfera climática interfere bastante no corpo do trabalhador negro. E sofre com o ar seco que entra pelas narinas e a areia do deserto que grudava em seus olhos. Seres cálidos, secos e sob insolação trabalham em regime de risco pelo clima e pelo contexto histórico, econômico e político da escravidão que secou toda uma cultura. Neste período, principalmente nas vinícolas, os escravos trabalhavam pisando e amassando uvas com os pés, essa movimentação cotidiana de trabalho, engloba a possibilidade de contaminação desses movimentos nas danças afro peruanas que são características pelos sapateados ou *rompe suelo* que significa quebrar o chão, demarcada pelo peso da parte inferior do corpo bem presente e direcionado para o solo, ou seja, de maneira visível percebe-se a relação forte com a terra. Talvez, esse corpo que trabalhava num lugar de sombra rara dissipou-se parcialmente na história.

Ica⁶ tem outro fator que interfere no corpo, a altitude, que soma para a observação pelo olhar da geografia. Pode-se pensar, por exemplo, na questão da respiração já que em lugares muito altos, o cansaço é maior. A altitude elevada de Ica afeta a pessoa que vive neste lugar. Segundo Lemes, Antunes, Santos, Prado, Tufik e Mello (2010, p.70).

A elevação da altitude faz com que a pressão barométrica em relação ao nível do mar diminua, resultando em uma redução da pressão parcial de oxigênio O² para o organismo (sangue e tecidos corporais). A esta diminuição da parcialidade da oferta de O² denomina-se hipóxia, responsável por respostas às grandes altitudes.

⁵ Inicialmente os espanhóis apoiaram a plantação de uva, porque sentiam falta do vinho da Espanha, mas logo sucesso da produção de vinho peruano passou a ser importante fonte de renda, principalmente o *pisco*.

⁶ Estado de Ica, localizado na Costa Central, ocupando o 88% deste. Ao Norte faz fronteira com Lima, ao Leste faz fronteira com dois estados Huancavelica y Ayacucho, ao Sul com Arequipa pelo Oeste com o Oceano pacífico. Seu território abarca 21.305 km² com 700 000 habitantes, 2,5% da população do Perú. Sua morfologia é dividida genericamente em três conjuntos: perfil costeiro, a ampla planície costeira e as vertentes andinas. Com altitude que oscila entre 2000 metros (distrito de Paracas, província de Pisco) e 3976 metros (distrito San Pedro de Huancarpana província de Chincha).

Portanto, os efeitos agudos da baixa oxigenação podem acarretar no ser humano alterações fisiológicas e cerebrais. Obviamente, o corpo humano tem a capacidade de adaptar-se ao ar rarefeito. Essas são considerações para refletir nos códigos e efeitos que o ambiente comunica ao corpo.

Apesar da escravidão, do local desértico, altitude elevada e tantos fatores que afetavam os negros, sorriam ao dançar, ao cantar, ao ressoar batuques com o *cajón* (instrumento de percussão peruano), essa era a parte da não insolação. Foi nesta região e nesse contexto que nasceu *el festejo* peruano.

***El Festejo* – dança e música afro-peruana**

El festejo peruano, foi a dança elegida por ir contra o preconceito pela cultura negra observada na própria família, na qual por parte materna e paterna os avôs são de descendência afro, mas não se consideram negros umas das consequências da imposição do branqueamento que houve no Peru. Também por ser a primeira das danças peruanas que a bailarina e professora aprendeu, dançou e ensinou.

Assim, o fim da escravidão negra no país não significou liberdade, mas a redução drástica desta população com uma quantidade exorbitante de mortes. Junto com a diminuição e esquecimento dos negros, da sua música, da sua dança e, sua cultura no geral que ficaram esquecidas na sociedade peruana.

Com isso, *el festejo* conhecido hoje não é a forma original que se dançava nas festas ou momentos de lazer dos escravos negros no período escravocrata. Perdeu-se no tempo e o resgate dessa cultura foi incentivado em parte pelos *criollos*⁷, estimulando a população negra a falar sua história, dançá-la e tocá-la. Porém, nesse processo de renascimento da cultura afro, as músicas eram mais compostas por negros, mas muito interpretada pelos *criollos* já que reacender o valor pela etnia negra se deu aos poucos, porque o branqueamento imposto pelo preconceito de imensa parte da sociedade fez com que os próprios negros se identificassem nas pesquisas estáticas sobre etnias, como brancos, ou seja, ouve uma negação e vergonha da própria cultura.

⁷ *Criollos*: são chamados os filhos dos europeus-espanhóis e dos negros africanos que nasceram no Peru, para diferenciar os nascidos na Europa /África, dos nascidos na América. O termo é usado no Peru para um estilo de musica (*criolla*) que foi muito incentivada pelos *criollos peruanos* ao renascimento da cultura afro peruana.

Ao reavivar a cultura negra peruana valorizada pelos *criollos* o diálogo entre o *cajón* e violão era o núcleo da música afro-peruana nas casas em Ica e, reportadas à Lima *en las jaranas* ou festas dos bairros mais pobres economicamente, depois outros instrumentos percussivos foram incluídos para contribuição do compasso ritmado *del festejo*: *quijada*, uma versão menor do *cajón* chamada *cajita*, congas, bongo, todos relevantes para a música dando uma nova roupagem *al festejo* e a música afro.

No *festejo*, a música e a dança estão entrelaçadas e contaminadas pelas culturas africana, espanhola, indígena. Alguns autores acreditam que *el festejo* nasceu no Bairro Malambo de Lima na época da colônia, outros acreditam que seu nascimento foi em Cañete e Chincha, cidades localizadas no Estado de Ica próxima a capital do Peru. A segunda opção foi a escolhida para pensar a geografia do corpo negro já que ali se agrupa ainda hoje a maioria e, onde trabalhavam como escravos.

Torna-se, imprescindível a descrição da movimentação da dança folclórica *el festejo*, para observar a interferência do cotidiano de trabalho dos escravos negros e a dança. A movimentação *del festejo* básica envolve os pés em semi meia ponta, a maior parte do tempo, intercalando com o pé inteiro no chão. A movimentação inicia-se com o pé esquerdo em seguida com o direito um tempo em cada, ou seja, serão dois tempos (joelhos bem flexionados, no nível médio). Logo o mesmo é feito, porém no nível um pouquinho mais acima do nível médio. Os pés marcam o tempo; Braços próximos ao corpo, flexionando os cotovelos, direção dos braços a frente do corpo e em muitos momentos da dança move-se a barra do vestido ou saia; Ombros e cintura escapular movem-se com uma vibração intensa em alguns instantes da coreografia; Os joelhos predominantemente flexionados; Tronco inclina-se em direção ao solo e, se não esta inclinado volta à postura anatômica correta (em pé); A cabeça é levada pelo olhar que normalmente esta na linha do horizonte ou voltado para o chão.

El festejo é uma dança festiva, alegre, viva, intensa, vibrante, representa a sexualidade. Foi modificada e estilizada, a gênese da dança se perdeu. E essa estilização fez sucesso com o grupo Peru Negro.

A coreografia do grupo Peru Negro que faz enorme sucesso dentro do país e fora, tornou-se referencia e, envolvem passos e figuras específicas que acentuam uma sensação de compasso binário e sentido de exuberância que às vezes demanda movimentos simultâneos com os pés, pélvis, os braços, realizado por bailarinos homens e mulheres

que executam os números coreográficos tanto em grupo como em casal. A pesar das mudanças no festejo durante um período de tempo, como resultado dos resíduos e intervenções da musica cubana e volta para a cultura africana, não minou *el festejo* peruano, considerado amplamente como o gênero mais representativo de todos os cantos e danças afro peruano existente (FELDMAN, 2009, p. 192).

Figura 2 – Grupo Perú Negro dançando *el Festejo*.



Fonte: <https://sites.google.com/site/raicesdelperu12/festejocultural.jpg>.

Entretanto, anterior ao grupo Peru Negro, os irmãos Nicomedes Santa Cruz e Vitoria Santa Cruz compositores tomam para si a tarefa de reacender o folclore afro peruano com grande incentivo do compositor Porfirio Vasquez que reinventou a coreografia *del festejo*, conhecido como patriarca da musica negra do Peru, um artista completo, cantava, tocava, dançava e interpretava. E estimulou o grupo Peru Negro e toda a cultura afro-peruana.

São vários os nomes importantes a serem destacados, mas um dos destaques foi Pancho Fierro de acordo com o pintor que retratava a cultura dos peruanos destacando as danças, *el festejo* era dançado mais lento, mais marcado e, com maior definição dos movimentos do corpo. Antes de Peru Negro era muito mais lento porque era dançado por pessoas mais velhas. As dançarinas mais novas que faziam shows *del festejo* ou outras danças afro-peruanas não queriam se cansar demais então mecanizaram a movimentação, deixando-a mais rapidinha. Por isso as meninas parecem maquininhas dançando *taca, taca, taca* (FELDMAN, 2009, p.192).

Figura 3 – Membros da Companhia Pacho Fierro de Danças afro peruanas



Fonte:<http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-52/Feldman>.

El festejo essa dança folclórica afro peruana carrega o deserto com o pó, areia, a terra, o barro, as plantações de uva com os pés manchados de tanto amassar, a altitude imposta, o calor exorbitante e suado, o cansaço, a exaustão, os interesses medíocre dos fazendeiros espanhóis pelo lucro, entre outros fatores que marcaram o corpo do negro no Peru. Apesar desses fatores presentes no corpo cotidiano e na dança a alegria e, o escape que se apresentou nesse ser dançante permanece evidente ao ver os dançarinos negros movimentando-se e, ao mesmo tempo a distração de festejar essa dança nos raros instantes de descanso e, em decorrência da geografia e da história desse povo mapeiam o corpo e o espaço. E observa-se o casamento da espacialidade e corporeidade ao atentar para as mudanças na própria dança folclórica tradicional e a dança estilizada. Exatamente pelo espaço que os espanhóis massacraram, humilharam, desdenharam, abusaram e, criaram uma rivalidade entre negros e índios. Desde o principio desse confronto os negros não foram bem vindos ao Peru, pela maneira que desenrolou-se a história nessa lugar. Portanto, essa cultura renasceu, lutou e ganhou espaço pelo contagiante batuque da percussão, pela alegria, plasticidade, flexibilidade, sensualidade, vida e festividade ao expressar, ao comunicar o festejar da cultura afro peruana.

Com o panorama da geografia, história e dança afro peruana realizada. É possível pensar na relação corpo e ambiente, a relação que o habitante de Ica teve com o local em que viveu e, como isso chegou *al festejo* peruano. Pensar no clima extremamente seco, a altitude, a escravidão dos negros africanos e outros fatores que não se colocou nesse iniciou de pesquisa, mas que é possível ver por um panorama mais geral, que são marcas transformadas em corpo e, decompostos em dança. Para Milton Santos, o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos de sistemas de

ações (1997, p.2), ou seja, a comunicabilidade entre espaço e ambiente é inseparável. O fato da dança original modificar-se é um exemplo do fluxo e contaminações da geografia física, a história e geografia humana são fontes contaminadoras do corpo (BAITELLO, 2014).

“Os fluxos são resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo que, também, se modificam”. (SANTOS,1997, p.50). Os elementos fixos, colados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar e a casa como corpo, surgindo novos fluxos que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e podem redefinir cada superfície. Em constante redefinição, o corpo geográfico é um viés de como pensar e unir a diferentes maneiras de pensar o corpo e sua espacialidade. Ou seja, corpo no espaço (corpo-espaço), do espaço como parte do corpo (espaço-corpo) e, do corpo como seu espaço (corpo como espaço), com suas formas, mais a vida que os anima (SANTOS, 1997) e, transcorre em transc corporalidades (GARCIA, 2008). É um corpo que não é somente uma paisagem e, sim que se modifica com o conhecimento que nele entram e saem (BAITELLO, 2014). Um corpo geográfico tem seus fixos e fluxos não deixando que o corpo permaneça como uma mera configuração territorial reunindo apenas materialidade. Este é o corpo geograficamente dançante, este é o corpo que com sistemas de objetos e sistemas de ações incas, espanhóis e africanos cria espaços e corpos para a dança afro-peruana, *El festejo*.

Considerações finais

O interesse pela comunicação corporal e as memórias do espaço-casa encaminhou a para geografia e história de Ica-Peru, especulando o trabalho escravo do negro no país e, em que condições esse corpo vivia. Indagou-se que este corpo ocupava um espaço seco, de altitude elevada que afeta a respiração do habitante de Ica, a relação com a terra pelo trabalho na área rural, também o cansaço e a desidratação por conta da insolação, ou seja, todo o contexto do cotidiano escravo é provável indício do porque a dança do negro peruano direciona o peso dos membros inferiores para o chão. O ambiente (com seus aspectos geográficos, políticos, históricos, sociais e econômicos) no qual o corpo está inserido há a viabilidade de mediação na sua movimentação cotidiana

e nas manifestações culturais, como a dança afro peruana. *El festejo*, permitiu aos negros peruanos, festejar com alegria e prazer, dançar e cantar, um momento onde o sol escaldante desaparecia, era como água que refresca a boca, era um instante de um verdadeiro, festejar.

O ser humano em junção a sua materialidade e espírito comunicam. A simples imobilidade de um corpo apresenta um panorama que transmite alguma informação ao observador. Entretanto, o corpo em transitoriedade (GARCIA, 2008) permanente conecta-se a uma mobilidade própria e do espaço transformando-se em corporeidade. O movimento do corpo o torna de fato, corpo. Comunicando as informações (lembranças, espaços e histórias) que foram impregnadas e modificadas ao longo desse percurso corporal. O corpo esta em constante trânsito e cada vez mais em rápidas transformações. Corpo geográfico perpassa pela terra desértica estarecida de exploração do negro, pelo corpo como espaço, e do espaço como interferência do corpo que comunica a carne até a cognição obtendo resposta que resulta em representação midiática corporificada.

Referências

BACHELARD, Bergson. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.

BAITELLO, Norval Junior. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Disponível em:
<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/10-o-tempo-lento-e-o-espaco-nulo-midia-primaria-secundaria-e-terciaria.html>.
Acessado: em 15 de março de 2015.

CORONADO, Muñoz Martha. **Atlas regional del Perú**. Lima: Peisa, 2003.

FELDMAN, Carolyn Heidi. **Ritmos negros del Perú**. Lima: PUC del Perú e IEP del Perú, 2009.

GARCIA, Wilton. **Corpo & espaço: estudos contemporâneos**. São Paulo: Factash, 2008.

LEMONS, HANNA, ANTUNES, SANTOS, PRADO, TUFIK, MELLO. **Efeitos da exposição à altitude sobre os aspectos neuropsicológicos: uma revisão da literatura**. Sao Paulo: Revista Brasileira de Psiquiatria, 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32n1/aop1309.pdf>. Acessado em: 03 de julho de 2014.

ORTEGA, Francisco. Corporeidade e biotecnologia: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. **Ciencia e saúde coletiva**, n.12, p. 381-388, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.